

Sumário

Apresentação por Fernanda Verdasca Botton	3
O Feminino na Poesia: Antologia Poética de Professoras Poetas	5
Poética da autonomia Graça Graúna	7
Palavras ao telefone Ana Boessio	9
Caleidoscópico Andrea de Paula	11
A menininha possuía MDG Ferraz.....	13
Poeteira Maiaty Saraiva Ferraz	14
Sou poesia Flavia Rohdt.....	15
Trincar palavras Betina Ruiz.....	16
Colar que não é da tua conta Evelyn Caroline de Mello	17

AMORMAR (Amor e Mar)	
Adriana Francisca de Medeiros	18
tríptico de uma violência	
Julia Larré.....	19
Mulheres-líquido	
Patrícia Anunciada.....	21
Ser mulher	
Cicília Frazão.....	22
A ordem secreta das coisas	
Tania Rego	23
Cora	
Crisley Ladeia.....	24
A mulher que ficou para mim	
Cristiane de Mesquita Alves.....	25
...	
Debora Oliveira Andrade	27
Lá vem Ela!	
Elis Regina de Oliveira.....	28
Do berço ao paraíso	
Gisele Martins Ferreira	29
Não tenho instinto materno	
Kalliny Rayner Jesus do Carmo	30

O Belo	
Laura Figueiredo	31
Cristais	
Maria Antonieta Amarante de Mendonça Cohen	32
Mulher Inspiradora	
Pollyana Aranha.....	33
Acabou	
Marisa Guedes	34
Moça-flor	
Silvia Zanutto.....	35

Apresentação

Fernanda Verdasca Botton

É comum nos escritos antigos, que poetas peçam inspiração às musas para compor o canto. Homero assim solicita a *Calíope*: “Canta-me a cólera – ó deusa – funesta de Aquiles Pelida”, e a epopeia heroica se constrói pela grande eloquência da musa que guia as mãos do aedo (o poeta). Pela audição do canto, homens comuns podiam romper os limites de sua visão, transcendendo o concreto e adentrando o mundo sublime da Memória (*Mnmósine*), compreendendo então, por meio das palavras cantadas, chamadas por Hesíodo de *Musas*, saberes da História (*Clio*), da Música (*Euterpe*), da Comédia (*Talia*), da Tragédia (*Melpômene*), da Dança (*Tersícore*), da Retórica (*Polímnia*), da Astronomia (*Urânia*) e da Poesia Lírica (*Éroto*). Homens comuns se tornavam aedos pelo poder das filhas de *Mnmósine* e Zeus que inspiravam histórias que se transformariam em poesia.

Foram séculos de poetas – os poetas – e de musas que apenas os inspiravam – os – mas não escreviam as cóleras que também sentiam. O encanto do canto foi poucas vezes transmitido por mulheres, uma Safo, uma Mariana Alcoforado... Emily Dickinson, Marguerite Duras, Sylvia Plath, Florbela Espanca, Paulina Chiziane, Clarice Lispector, Cora

Coralina... umas tantas..., mas sempre poucas no universo dos aedos...

Em *O feminino na poesia*, as musas que inspiram encontram chance de também expandir suas almas – como diz Maria Firmina dos Reis, nossa primeira autora feminina brasileira – e de trazer a poesia às mãos das poetisas. A “voz tem outra semântica” e se transforma em “resistência” e “esperança” no canto de Graça Graúna. A casa feminina pode ter “garras sedutoras”, mas sofre por ser terra, mãe-terra Ana Boessio. A mulher “Lua menstruada”, “fotossíntese branca”, um mito que quer ser recontado e “recontada” na voz de Andrea de Paula. Uma Maria, meio à moda de Pandora, com sua caixinha no vermelho... no branco das pernas... na Memória que me “re-cortares”... “no verbo que age”... “lugar sem canto, Canto sem centro”... “o pêndulo/ e as horas/ se confundem”... poetizas que cantam o “Ser mulher” como Cora... Coralina, Cristiane, Debora... Lá vem Elas! Kalliny, Laura, Maria, Marisa, Pollyana, Silvia... todas a nos tornarem sons cantados por nós mesmas: musas e poetisas.

Já não somos mais apenas nove...